ECHOS DO IBATÉ

INFORMATIVO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ – SÃO ROQUE – SP

"Cessem os ecos e surjam as vozes". (Tomaz de Aquino Toledo, *in memorian*)

Nº188 – ANO XXXIII - OUTONO DE 2025

Ut omnes unum sint

PREPARE SEU CORAÇÃO

Outono de 2025, ponto de partida rumo ao 16º ENCONTRO DOS EX-ALUNOS do Seminário do Ibaté, a ser realizado no dia 23 de agosto, Inverno de 2025.

Durante mais de meio século, nossa antiga Casa de Formação ficou "jogado às traças". Hoje, não mais. Graças à iniciativa de Dom João Bosco, bispo da Diocese de Osasco, o Seminário do Ibaté renasceu e foi transformado no "**Propedêutico Santo Antônio**". Passou a receber jovens alunos e prepará-los para ingressar na Filosofia e Teologia, a caminho do sacerdócio. Então, no nosso encontro deste ano vamos encontrar o Seminário do Ibaté repaginado e cheio de vida novamente.

16º ENCONTRO DOS EX-SEMINARISTAS
(1949-1973)
SÃO ROQUE - IBATÉ - 23.08.2025

"DOAÇÃO, aprendemos sob a vossa proteção."

Você, colega ex-aluno, já pode agendar sua participação e convidar os familiares. Será uma carinhosa oportunidade de mostrar aos seus netinhos (bisnetinhos?) o ambiente em que estudou, onde praticou esporte e se alimentou, rezou, fez sólidas amizades.

A missa do encontro deste ano enaltece o singelo tema da **DOAÇÃO**. Singelo porque se trata de um gesto de ajudar as pessoas à nossa volta; mas é também sublime por ser uma maneira de compartilhar amor.

No encontro de 2023 tivemos 131 ex-alunos, 405 familiares e amigos e 30 crianças. Neste ano de 2025 contaremos, com certeza, o dobro de participantes. É só multiplicar por 2. Já pensou?

Vamos mostrar, afinal, que o "UT OMNES UNUM SINT" é pra valer.

IRMÃOS BARBIERI

*Alfredo Barbieri

TUDO

Tudo ao dom da vida
Tudo à justiça
Tudo à verdade
Tudo ao amor
Tudo à alegria
Tudo ao acolhimento
Tudo à presença
Tudo à caridade
Tudo ao sorriso
Tudo à paz
Tudo à esperança
Tudo à fé

NADA

Nada ao aborto
Nada à injustiça
Nada à mentira
Nada ao ódio
Nada à tristeza
Nada ao abandono
Nada à ausência
Nada ao egoismo
à amargura
Nada à divisão
Nada à guerra
Nada à descrença

E mais:

"Tudo posso naquele que me fortalecer"(Filip.4,13)
"Sem Mim nada podeis fazer" (Jo. 15,5)
"Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei" (Jo. 14,14)
"Nada me separará do amor de Deus" (Paulo Apóstolo)

*Joel Hirenaldo Barbieri

E DAÍ?

Se amo a Deus que me deu uma alma pura,
as flores, os relvados e cachoeiras!
Se amo o dia de luz e a noite escura
e a festa das cigarras cantadeiras.

Se amo as lindas manhãs, a madrugada,
dia de sol e noites de luar
e os gorjeios gentis da passarada,
tudo o que é nobre, belo e salutar.

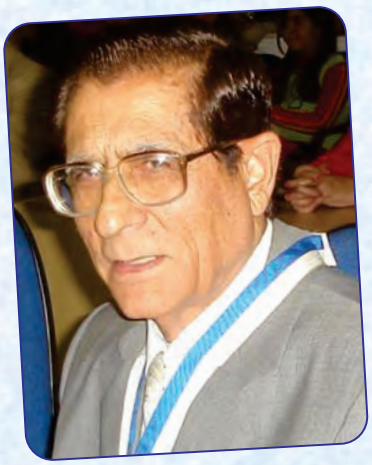
Se já, no remanso de minha idade,
vivo um sonho meu bem mais altaneiro,
na leda busca da felicidade.
E daí? Sou poeta e trovador,
arauto e devotado mensageiro
das belezas do nosso Criador!

O SAPO

Sozinho, atravessando um campo aberto,
Em noite calorenta de janeiro,
Ouvi no matagal de luz deserto,
Um sapo a coaxar lá no atoleiro.

Tão feio, desprezado e asqueroso,
O pobre trovador da escuridão,
Soltava, cada vez mais pesaroso,
Um canto que tocou meu coração.

Então eu conclui e com certeza:
Não há, nem pode haver, embora um trapo,
Inútil, sem valor e sem beleza.
Pois Deus nada criou que fosse à-toa,
Se há tanta poesia até num sapo,
Coaxando tristemente na lagoa.



*__Alfredo Barbieri (49/53)__ e __Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)__ são licenciados em Letras Neo-Latina e bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Taubaté (UNITAU), professores aposentados e membros da Academia Taubateana de Letras.

SALAN ALEIKON, O MARABU LUIZ PEDRO!

José Moreira de Souza*

Foi no dia 22 de agosto do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1955, que pudemos assistir à encenação solene do drama "El Safah o Sanguinário". O enredo dessa peça escolhida por nosso padre Constantino narrava peripécias da conquista árabe da Península Ibérica. Eram personagens principais da banda dos conquistadores: Paulo Sebastião o valente xeique El Safah, o fiel escudeiro, Zu el Mesma, João Barizon, Safar, o cômico, João Batista e o sacerdote-mago, Marabu, Luiz Pedro.

Ao se cumprimentarem proferiam o belo ritual do Salan Aleikon: Alá - Senhor - esteja com você; nosso Dominus vobiscum!!! Ritual, eu disse; primeiro, inclinar-se; segundo, mobilizar a mão direita aberta a partir do abdômen, em seguida até o peito e finalizando na testa. O homenageado com a saudação sagrada correspondia com a resposta Aleikon as Salan! O Marabu dava a essa cena o sabor ascético correspondente ao nosso "Et cum spiritu tuo."

A cena calou em nossa trajetória e se popularizou na expressão salameleque. Imagino que, neste momento, nosso Marabu Luiz Pedro passou a sintetizar o percurso do Salan Aleikon para o salameleque. A saudação sagrada se converte em brincadeira, chiste como pensou Freud. O sacerdote Luiz Pedro se converte em Marabu Vó.

El Safah, o sanguinário

Tom Zé me faz cantar:

Oh senhor cidadão,
Eu quero saber,
Eu quero saber
Se a tesoura do cabelo
Se a tesoura do cabelo
Também corta a crueldade

Não sei se o apelido que converteu Luiz Pedro em Vó se revestiu de crueldade, mas sei que para mim ele sempre foi o brilhante Marabu.

Esse brilho resplandeceu no ato seguinte. Nosso padre Constantino sugeriu a criação de um certame literário com o nome de "Concurso de Cátedra" para encerramento de cada ano em sessão solene de nosso Grêmio Literário. A ideia foi abraçada por nosso padre Rui, diretor do Grêmio e apoiada por todos os professores com destaque para o padre Paschoal Amato. O regulamento era muito simples: poderiam se inscrever todos os membros do Grêmio. O bom senso terminou restringindo os candidatos aos alunos que cursavam a quinta e a sexta séries do seminário. Essa sexta equivale ao nosso terceiro ano do ensino médio atual. O vencedor do concurso recebia um prêmio em dinheiro, no valor de Um Mil Cruzeiros doados pelo padre Constantino e, se cursasse a quinta série, assumiria automaticamente a presidência do Grêmio no ano seguinte. O segundo critério - exemplo para o Mundo - é que se instituía uma comissão de avaliação em que um grupo de alunos da sexta série, independentemente de se terem inscritos como candidatos ao prêmio, formavam a comissão de avaliação. Esperava-se que tal comissão saberia exercitar a aprendizagem de análise e crítica literária como resultado dos estudos da "Arte da Composição e do Estilo" e de tudo que nos vinha das aulas do padre Paschoal Amato. Cada candidato se inscrevia e encaminhava três exemplares datilografados para a banca de avaliação. Lá pelos meados do mês de outubro, a comissão de avaliação se reunia e comentava o valor literário de cada obra.

O resultado era proclamado em sessão solene do Grêmio Literário Pio XII em meados de novembro, antes do período de provas finais. As sessões solenes do grêmio eram abertas para toda a comunidade escolar. Faço este destaque porque em nosso tempo as atividades literárias eram divididas em dois círculos: o "Círculo Literário" e o "Grêmio Literário. Participavam do círculo alunos até o terceiro ano e, do Grêmio, os que cursavam os anos finais.

No ano de 1955, sessão solene, eleito catedrático: **LUIZ PEDRO DE ARAÚJO**.

Palmas, palmas, palmas. O Marabu, em passos lentos e hieráticos, sobe à tribuna, contempla em silêncio a platéia e lê a obra que o consagrou. Padre Rui se entusiasmou. Elogiou o estilo literário e o decretou como paradigma de redação para todos nós.

Iniciado o ano da graça de 1956, a obra premiada do Marabu Luiz Pedro se tornou abertura da Antologia do Grêmio Literário Pio XII. Estava criado nosso "Ecos da Tribuna".

Lição que me fica. Luiz Pedro é Imortal, **Catedrático!**

Posso dizer de boca cheia. Eu era quase adolescente quando vivenciei esses momentos de glória em nosso Ibaté. Via essa gente do sexto ano lá no alto, flanando. Eu me sentia um anãozinho em meio aos gigantes. "Anão no reino de Uliz da Floresta" como ironizou nosso Antônio Jurandir Amadi para a gente entoar os primeiros compassos do "Capricho Italiano".

Neste momento vejo-me em êxtase entoando uma canção de ninar cujos acordes finais fixam a mensagem:

In Memoria aeterna erit Justus!

E ouço nosso Antero de Quental respondendo:

Dorme teu sono, coração liberto.

Dorme na Mão de Deus eternamente.

*__JOSÉ MOREIRA DE SOUZA (55/59)__ – Sociólogo e professor aposentado. Atualmente dedica-se às letras e ao folclore, além de emérito conhecedor da cachaça mineira. zedeflora@gmail.com

MENSAGENS RECEBIDAS

Fazer vínculos é viajar no tempo;
Em cada estação, um novo apito.
ZEQUINHA (José Luiz Brant de Carvalho, 51/58)

De Luiz Norberto Collazzo Loureiro (62/63) - Muito obrigado pelo envio do Echus. Boas Festas a todos! E que 2025 seja um ano de mais solidariedade, mais igualdade social, menos dor e muita felicidade, com fé em Deus. 20.12.2024 São José dos Campos-SP loureiroefabiana@gmail.com

De Antonio Wenceslau Alvares Alvarado (56) - Wilson: Gracias por enviarme el Echus. Me proporciona gran emoción. Que tengas "UM NATAL FELIZ" extensible a los amigos do Ibaté. 23.12.204 Madrid-Espanha wencesyemma@gmail.com

De Antonio da Aparecida Simões Cucio (67/68) - Turma do Ibate , Feliz Natal para os amigos do Seminário. Estou aqui em Bragança Paulista me preparando para a peregrinação a Aparecida do Norte, obviamente após a corrida da São Silvestre....*rezem por mim, eu vou conseguir chegar lá.....abraço a todos*.....24.12.2024 Bragança Paulista-SP acucio@bol.com.br

De Padre Tomaz Gomide (57/60) - Mosca, muito obrigado pelo seu email. Com tanto trabalho e confusão com a Quarta-feira de Cinzas, até eu tinha me esquecido do meu aniversário de ordenação. Ninguém se lembrou da data. Só você. Muitíssimo obrigado! A situação aqui na diocese é tremenda. Este ano não temos nenhuma ordenação. Não há padres. Por isso trabalho mais agora do que quando eu não estava aposentado. Tenho que diminuir o meu trabalho, cuidar mais da minha saúde. Vou fazer 82 anos. Parece mentira. Eu gostaria de ter 30 anos para recomeçar tudo outra vez, especialmente com liderança do nosso querido papa Francisco. A gente chega a conclusão de que o coração da nossa fé é o amor e a misericórdia. Tanta guerra, tanta politicagem, tanta luta pelo poder! Afinal somos todos pó e ao pó voltaremos. A nossa cidadania não é deste mundo. A nossa Quarta-feira de Cinzas foi uma loucura. Aqui todo o mundo vai à igreja para receber as cinzas. É até divertido ver as pessoas trabalhando, andando, passando o dia com a testa marcada com as cinzas. Até parece móda! Mas, ao mesmo tempo é um sinal de que a sociedade busca um sentido na vida durante a quaresma. Terminei o dia de ontem esgotado. Igreja repleta de gente, americanos e imigrantes, marcando o início de um tempo de meditação. Algumas flores já começam a brotar e nos lembra de que a preparação para a Páscoa está começando. Mosca, perdoe-me por este email tão comprido. Você trouxe uma grande alegria no meu dia: celebrar e agradecer a Deus por tudo. Que Deus abençoe você e todos os irmãos do Ibaté. 06.03.2024 Westbury-New York-EUA tgomide@me.com

Que c'est triste Brésil

Luiz Loureiro (Apud “Que c'est triste Venice” /Charles Aznavour/Françoise Dorin)

Luiz Loureiro*

Que c'est triste Brésil
Em tempos de amores mortos
Que tão triste Brasil
Onde não se ama mais

Procura-se, ainda, a paz
A mediocridade prevalece
Dá vontade de chorar
Mas já é tarde demais

Que c'est triste Brésil
Quando as artes
Não mais vêm nos encantar
E a mediocridade reina

Os corações apertados
Nas ruas, as minhas, as suas
Grassa a miséria
Daqueles abandonados

Que c'est triste Brésil
Em tempos de amores mortos
Que tão triste Brasil
Onde não se ama mais

O museu, a igreja, o celeiro
Abrem as portas em vão
Reina o vazio, o medo
E, no altar, soberano, o dinheiro

Que c'est triste Brésil
Na noite sob os viadutos
Os postes a lançar sua luz
Acendem-se os cachimbos

Eles procuram a mão
Que nunca lhes irão estender
Para tentar esquecer
Aquilo que jamais serão

Adeus Ponte dos Suspiros
Adeus sonhos perdidos
Lasciate ogne speranza
É um Brasil muito triste

Aquele que nos aqueceu
Em tempos de amores mortos
É um Brasil muito triste
É o adeus daquele que te esqueceu

Fonte: https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1689788948209614-minhocao-50-anos

MICROCONTOS

A PALAVRA É...FUTEBOL - O título deu à tia a certeza de que o sobrinho aprenderia muito com a leitura daquele livro.
Anos depois, ela assistiu ao primeiro curta-metragem realizado pelo sobrinho, agora jovem cineasta. Emocionou-se ao constatar que o objetivo dele, naquele trabalho, era resgatar um pouco de memória e do romantismo do futebol brasileiro.

LIVRES? - Em meados do século XX, acreditara na conquista da liberdade feminina. Estudavam. Trabalhavam.
Meio século mais tarde, deu-se conta de que a maioria das mulheres deixava sua terra natal em atenção à vontade paterna. Mesmo que elas desejassem voltar, dificilmente isso aconteceria, em atenção aos maridos!

PROVIDÊNCIA DIVINA - Dizia a lenda familiar que eles se detestavam desde crianças. Orgulhosos. Inflexíveis. Cada um era dono da verdade a seu modo. Mantiveram um ressentimento velado e mútuo. Somente anos mais tarde, quando o caso veio à tona, os familiares que mais sofreram com aquela inimizade entenderam que Deus escrevera certo por linhas tortas.

Gislene Carvalho - esposa do amigo ibateano Roberto Delgado de Carvalho. (veja apresentação in Echus 177)
Fonte: Lembranças feitas à mão. [Simbiose, São Paulo, 2018] - (11-99631.4733//99204.2246)

*__LUIZ LOUREIRO (62/63)__ – Formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAUSP. Graduado em Marketing pela FGVSP. Ex-Prefeito de Paraibuna-SP. Atualmente dedica-se às letras. Autor do livro “Histórias de humor para quem está de bem com a vida ou quer ficar”. loureiroefabiana@gmail.com

*Letterio Santoro

MEU PRIMEIRO LIVRO

Meu primeiro livro chamava-se ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES. Livro bonito, de capa dura com estampa colorida, presente da Profa. Shirley no final do terceiro ano do Grupo Escolar "Almirante Barroso", bairro do Jabaquara, na Capital. A Profa. Shirley era muito jovem e bonita, corava à toa, e, lembro-me bem, se preparava para casar-se. Ofereceu-me o livro como estímulo e recompensa por algum mérito meu durante o ano letivo. Talvez por cuidar eu dos tapetes dos alunos do terceiro ano?!

Quando, aos treze anos, terminado o primário, fui ao Seminário Menor de Aparecida com o Pe. Meireles, pároco da Igreja N.Sª das Graças, e outros companheiros, de táxi, levei o livro de ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES comigo, como um bom companheiro na aventura da vida. Não lhe conhecia ainda a intimidade da alma, pois não o havia lido, mas a simples presença física daquela obra cheia de histórias parecia me dizer que não estava só no mundo. No seminário havia uma regra rígida de que todo livro trazido pelos estudantes tinha de ser submetido à censura do Pe. Ministro da Disciplina. Eu não tive dúvida: na esperança de tê-lo brevemente de volta, deixei meu ALI BABÁ nas mãos do Pe. Francisco Russo para a devida apreciação. Com certeza o Pe. Ministro há de se ter deliciado com a figura de ALI BABÁ, um lenhador pobre que tinha um irmão rico, chamado Cassin, cujo história Sherazade contava para o Sultão das Índias numa cidade da Pérsia, a fim de que Dinazarda, sua irmã, não fosse morta, segundo revelam os contos das MIL E UMA NOITES. O Pe. Chico, assim chamado por nós, há de ter gostado de ver ALI BABÁ descobrindo do alto de uma árvore, na floresta, o santo-e-senha do capitão dos ladrões - ABRE-TE, SÉSAMO! - cuja pronunciação escancarava a porta secreta da montanha, que escondia o ouro e outros objetos preciosos, à disposição de quem entrasse. ALI BABÁ pronunciou seu abracadabra, a riqueza estava às mãos, retirou uma porção de ouro, levando-o para casa escondido nos cestos dos burros. Apreciou o Pe. Chico a esperteza da cunhada descobrindo ouro na casa do irmão de seu marido, Cassim, homem que, por pura inveja, obrigou o seu irmão ALI BABÁ a revelar-lhe o segredo. ALI BABÁ, homem bom, acompanhou Cassim até a montanha, mas, como este não se contentava com pouca riqueza, tornou a voltar ao ouro, quando foi flagrado e esquartejado pelos ladrões. O Pe. Ministro há de ter lido as astúcias dos ladrões para localizar o outro detentor do segredo, e nessa aventura cheia de suspense surge o personagem mais esperto, mais fiel e dedicado, a escrava MORGIANA que, com sua argúcia, impediu seu senhor ALI BABÁ de ser morto por duas vezes, e ainda matou, sozinha, os ladrões e seu capitão. Não se pode esquecer que toda riqueza do invejoso Cassim, e sua mulher incluída, passaram às mãos de ALI BABÁ. O qual, conhecida e reconhecida a esperteza da escrava MORGIANA, não apenas lhe deu a liberdade, mas destinou-a para ser mulher de seu filho. Como era o único a possuir o segredo (ABRE-TE, SÉSAMO!) da caverna, ALI BABÁ ensinou seu filho a entrar na montanha do ouro, e o filho o transmitiu à posteridade, "aproveitando-se de sua fortuna com moderação".

Ali Babá ouvindo um dos ladrões dizendo "abre-te, sésamo". Fonte: Wikipedia

Há de ter gostado tanto da leitura nosso Ministro de Disciplina que muito simplesmente não me devolveu o livro de estimação, presente da gentil professora Shirley, meu primeiro livro que nunca li. Quase cinquenta anos depois, abri o volume V dos contos de Mil e uma Noites, e devorei aquelas páginas da história de ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES, cuja minuciosas aventuras poderia já ter lido aos treze anos naquele livro de letras grandes e ilustrações coloridas. O que ainda hoje ignoro é se foi a dura censura ou a paixão do Pe. Chico pela leitura o que realmente me impediu de ler meu primeiro livro nos tempos de colégio.

(Extraído do livro CRÔNICA DO CIDADÃO (2001/2003)

*__Letterio Santoro (55/59)__-Natural de Fuscaldo, Cosenza, Itália, é pedagogo, professor, escritor, poeta. Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça). Membro do CLG 9Clube de Leitura de Garça). Autor, entre outros, dos livros de Contos DIVAGAÇÕES DE ULISSES e POEMAS DO JUBILEU, ANTOLOGIA POÉTICA. letterios@hotmail.com

Pe.Geraldo da Silva Bernardes*

O TREM DA VIDA

Quando nascemos, entramos nesse trem e nos deparamos com algumas pessoas que, julgamos, estarão sempre nessa viagem conosco: nossos pais.

Infelizmente, isto não é verdade. Em alguma estação, eles descerão e nos deixarão órfãos do seu carinho, amizade e companhia insubstituíveis, mas isto não impede que, durante a viagem, pessoas interessantes e que virão a ser super especiais para nós, embarquem: nossos irmãos, amigos e amores inesquecíveis.

Muitas pessoas tomam o trem, apenas, a passeio. Outros encontrarão nessa viagem, somente, tristezas. Outros, ainda, circularão pelo trem, sempre prontos a ajudar a quem precisa. Muitos descem e deixam saudades eternas. Outras

tantas passam por ele de uma forma que, quando desocupam seu assento, ninguém sequer o percebe.

Curioso é constatar que alguns passageiros que nos são tão caros, acomodam-se em vagões diferentes dos nossos e somos obrigados a fazer esse trajeto separados deles, o que não impede, é claro, que durante a viagem, atravessemos, com grande dificuldade, o nosso vagão, a fim de chegarmos até eles...só que, infelizmente, jamais poderemos sentar ao seu lado, pois já haverá alguém ocupando aquele lugar. E assim é a viagem, cheia de atropelos, sonhos, fantasias, esperas, despedidas...porém, jamais, retornos.

Façamos, pois, essa viagem, então, da melhor maneira possível, tentando nos relacionar bem com todos os passageiros, procurando, em cada um deles, o que tiverem de melhor, lembrando sempre, que em algum momento no trajeto, eles poderão fraquejar e, provavelmente, precisaremos entender isto, porque nós, também, fraquejamos muitas vezes e, com certeza, haverá alguém que nos entenderá.

O grande mistério, afinal, é que jamais saberemos em qual parada desceremos, muito menos os nossos companheiros de viagem, nem mesmo aquele que está sentado ao nosso lado. Eu fico pensando se, quando descer desse trem, sentirei saudade...Acredito que sim.

Separar-me de alguns amigos que fiz nessa viagem, será, no mínimo, dolorido, como deixar meus filhos, fazendo a viagem sozinho. Isto, com certeza, será muito triste, mas, me agarro à esperança de que, em algum momento, estarei na estação principal e terei a grande emoção de vê-los chegar com uma bagagem que não tinham quando embarcaram...e o que vai me deixar feliz será verificar que eu colaborei para que ela tenha crescido e se tornado valiosa.

Amigo, façamos com que a nossa estada, *nesse trem da vida*, seja tranquila, que tenha valido a pena e que, quando chegar a hora de desembarcarmos, o nosso vazio deixe saudades e boas recordações para todos aqueles que prosseguirem a viagem...

*__Padre Geraldo da Silva Bernardes, 86 (57/58)__ – Ordenou-se Presbítero em 29.06.1965. Atualmente é Padre Emérito na Diocese de Duque de Caxias. Foi fundador da Paróquia Nossa Senhora da Glória no bairro Jardim Meriti, onde foi pároco durante 26 anos. Foi pároco, também, nas Paróquias Nossa Senhora das Graças no bairro Agostinho Porto e Nossa Senhora de Fátima no bairro Vilar dos Teles. Mora em Miguel Pereira-RJ padregeraldo@hotmail.com

Paulo Francisco C. A. Toschi*

OS JURÁSSICOS

Outro dia, eu resolvi tirar a limpo essa história de "jurássico". Afinal de contas, embora eu fosse um dos mais novinhos, sou um deles. Eu não era procedente da era paleontológica "*piraporensis*", de Pirapora, mas, sou um dos que inauguraram o casarão do Ibaté. Ou seja: eu estou naquela foto da festa do mês de março de 1949 e, especialmente, sou aquele menininho que, na foto, está sentado no chão, encostado nas pernas de quem? Do "homem".

A história da humanidade tem muitos "homens": o *HOMO SAPIENS* é um deles, talvez o mais importante. Segundo minha mestra Wikipédia, "Humano (taxonomicamente *Homo Sapiens*, termo que deriva do latim, "homem sábio", também conhecido como "pessoa", "gente" ou "homem") é a única espécie do gênero *HOMO* ainda viva, e o primata mais abundante e difundido na Terra, caracterizado pelo bipedalismo e por cérebro grande, o que permitiu o desenvolvimento de ferramentas, culturas e linguagens avançadas. Os humanos tendem a viver em estruturas sociais complexas compostas por muitos grupos cooperantes e concorrentes, desde famílias e redes de parentesco até Estados políticos".

Os jurássicos do Ibaté dividiam-se em Menores, Médios e Grandes. Isto os de farda amarela (horrível, por sinal). Porém, o mais *Sapiens* dos *Sapiens* usava batina preta e, naquelas paragens, era o único conhecido como: "O HOMEM"

Infelizmente, caminham os Jurássicos para a extinção. Já diminuiu bastante essa plêiade de homens ilustres, uns com batinas, outros não. A cada comunicado triste do nosso atual "*homo saltensis speciei*", eu, logo, vou conferir: será um Jurássico?

o homem

Havia duas espécies de Jurássicos: os do gênero "*pirapo-ibateensis*" e os "ibateensis-ibateensis". Dividiam-se em grupos: "*magnus-magnus*", "*medius-magnus*" e "*minus-tantum*". Eu fui "*minus-tantum*" e, tanto que demorei a ser "*medius-magnus*" que "*picavit mullam*". Sai e fui servir o Exército, no mesmo quartel onde também serviu "O HOMEM". Por isso, não estranhei a rigidez verde-oliva, pois dela já havia tido notícias, como é silenciosa e perene testemunha o Saboó.

Neste ano de 2025, voltaremos ao Ibaté. Espero poder ir. Espero encontrar muitos jurássicos. E não só jurássicos. Todos os que seguiram nosso exemplo. Teremos a mesma liberdade de anos anteriores? Estarão abertas para nós todas as portas? Os atuais seminaristas estarão presentes? Quantos são? Meia dúzia de "gatos pingados"? O que poderemos transmitir a eles? Creio que nossa principal mensagem, no Encontro do Ano Santo, do Jubileu, será a fraternidade. Foi o que de mais precioso aprendemos "*Sub Eam Praesidium*"!

"*Tristis incedo*" quando o "*homo saltentis speciei*", (dizem que, de certo modo, primo do "*Homo Magnus*"), nos vem com notícias, cada vez mais frequentes, de mudanças de jurássicos para a "*Domus Patri*". Não cheguei a levantar todos os casos, mas, atento ao que mais me diz respeito, qual seja, a turminha do Admissão, dos 25 jurássicos que éramos, em 1949, temos notícias de que muitos deles já se transferiram para a Casa do Pai. De pouco vale, hoje, a nossa, então, juventude, eis que, se éramos os mais jovens dos jovens, em 1949, hoje, falta, não muito mais que 10 anos, para completarmos o nosso jubileu secular.

ARY JOLY

Porque será que, atualmente, há tão poucos seminaristas? Em nosso tempo, foi preciso abrir Aparecida, pois Ibaté não era suficiente para acomodar tantos levitas. Lembro de quando cheguei, para ser "jurássico". Eu tinha feito um exame no Seminarinho do Padre Pavesio, eu e o Ary Joly, com a promessa de que, se aprovados, entraríamos em São Roque no 1º Ano e não no Admissão. Lá chegados, tivemos que ficar no Admissão, pois já havia duas classes de Primeiro Ano, com os "piraporenses". Pois foi muito bom que assim fosse. Ganhamos um recreio

particular. Só metade do prédio do Ibaté estava construída. Para a construção da outra metade, um grande buraco foi cavado. Até que os burros acabassem de transportar blocos de terra que operários vinham cavando, a parte já aberta virou nosso recreio particular, sob o patrocínio do Almeida, o reitor Almeida, antecessor do reitor Silva, ambos Luiz Gonzaga. Um paizão. Saudades. Estava sempre conosco, nas horas de recreio. Durante as aulas, era o nosso professor de catecismo, de apologética. Aulas no bosque, à beira do regato. Romântico, terno, no tamanho certo para meninos desgarrados do amor materno.

Bom! Vou parar por aqui, pois o "*primus hominis*" (*non dubito fore*), vai reclamar que não tem tanto espaço no Echus, para tanto prosa fiada. Um bom ano de 2025, para todos.

*__Paulo Francisco da Costa Aguiar Toschi, 87 (49/53),__ bancário, bacharel em Direito, aposentado, autor do Livro "Palavra de Seminarista" paulofcatoschi@gmail.com

IBATÉ na SÃO SILVESTRE

Mais uma vez dois ibateanos participaram da corrida de São Silvestre, realizada todo último dia do ano. Este final de 2024 não foi diferente. Nossos amigos e heróis **ANTONIO DA APARECIDA SIMÕES CUCIO (67/68)** e **DÉCIO CARDOSO LIRA (68/71)** concluíram com êxito a 99ª Corrida Internacional de São Silvestre.

Abaixo demonstramos o desempenho dos dois colegas nas últimas edições da **SÃO SILVESTRE**:

ANO	POSIÇÃO GERAL	FAIXA ETÁRIA	IDADE	POSIÇÃO FAIXA ETÁRIA	TEMPO HS
SIMÕES					
2011	6.700	55/59	57	398	1:29:05
2012	7.795	55/59	58	493	1:35:01
2013	10.077	55/59	59	652	1:39:04
2014	6.620	60/64	60	290	1:34:19
2015	4.460	60/64	61	196	1:29:50
2016	6.126	60/64	62	307	1:40:52
2017	4.444	60/64	63	189	1:27:48
2018	9.057	60/64	64	523	1:47:35
2019	3.032	65/69	65	43	1:24:58
2021	2.726	65/69	67	56	1:28:49
2022	245	65/69	68	112	1:33:01
2023	8.275	65/69	69	278	1:41:11
2024	7.752	70/74	70	102	1:42:30
DÉCIO					
1999	9.071	40/44	44	1.080	1:39.45
2000	6.082	45/49	45	1.167	1:21:44
2001	3.826	45/49	46	281	1:18:34
2002	3.201	45/49	47	209	1:18:20
2005	3.251	50/54	50	217	1:18:15
2006	2.419	50/54	51	154	1:11:34
2007	2.886	50/54	52	207	1:18:14
2008	3.430	50/54	53	252	1:16:59
2009	2.766	50/54	54	220	1:16:40
2010	3.362	55/59	55	175	1:17:59
2011	4.604	55/59	56	253	1:22:46
2022	4.922	65/69	67	101	1:31:53
2023	14.472	65/69	68	606	2:00:44
2024	17.008	65/69	69	682	2:15:21

Décio

Simões

Vale destacar que a performance do Décio continuou inferior aos últimos anos, visto que, estava na companhia de sua sobrinha Natália Takeda de Lira. Ela é médica e participou pela 2ª.vez da São Silvestre, e o Décio a acompanhou no ritmo dela.

Parabéns aos dois colegas ibateanos, **SIMÕES** e **DÉCIO,** e também à **NATÁLIA** que com persistência e entusiasmo completaram mais esta edição da São Silvestre.

ECHUS DO IBATÉ – 105 – NOVEMBRO/DEZEMBRO-2009

UMA GRANDE "AMIZADE PARTICULAR"

Attilio Brunacci*

Luiz Pedro de Araújo, quem diria! (Não sejais precipitados/precipitadas, irmãos/irmãs leitores/leitoras do *Echus*).

Antes de mais nada, quero deixar claro que este artigo é uma pequena homenagem do *Echus do Ibaté* a um grande ibateense. (Acho que eu deveria escrever: uma *grande* homenagem a um *pequeno* - 1 ,60m - ibateense).

Acontece que o jornal O *Diário*, de Mogi das Cruzes, em sua edição de 18 de outubro de 2009 (ENTREVISTA DE DOMINGO), publicou uma robusta entrevista (com direito a foto) com o nosso velho colega **Luiz Pedro de Araujo**. Fê-lo por merecê-lo! É Isso aí!

A leitura dessa matéria jornalística revelou passagens interessantes do amigo, que nasceu na Capital e, há mais de setenta anos, mora em Mogi das Cruzes.

Na entrevista, ele traz lembranças do circo e das enchentes em Mogi, na sua infância e, na juventude, recorda passeios de barco, pescaria, natação e tartarugas no rio Tietê.

Depois do curso primário, relata ele, coroinha na Matriz, foi enviado para o Seminário de Pirapora em 1948 e, no ano seguinte, para o Seminário Menor de São Roque, recém-inaugurado, onde ficou de 1949 a 1955.

Conta ele que, no Ibaté, descobriu o gosto pela fotografia graças às aulas práticas do Padre Kulay.

Completou todo o curso do seminário e continuou os estudos no Seminário Central do Ipiranga onde fez a Filosofia. (Ele não fala, mas eu sei: no Seminário do Ipiranga, ele e o José Lui montaram um laboratório fotográfico, com ótimos trabalhos.)

Em 1959 resolveu sair do seminário. Foi trabalhar na Rádio 9 de Julho, da Arquidiocese de São Paulo, fez dois anos de Direito na Faculdade do Largo São Francisco e também fez a complementação filosófica na Universidade de Mogi das Cruzes.

Sua preferência pela fotografia levou-o a fazer um curso na reitoria da USP, preparando-se para trabalhar no setor fotográfico do Hospital das Clínicas, onde permaneceu por algum tempo.

Como fotógrafo, cobriu casamentos e eventos e fez alguns trabalhos para a Prefeitura de Mogi. Ingressando posteriormente como funcionário da Prefeitura, trabalhou mais de vinte e cinco anos tirando fotos e cobrindo as atividades de vários prefeitos. Nesses anos todos registrou a execução de grandes obras como, por exemplo, as rodovias Mogi-Dutra e Mogi-Bertioga. Narrou peripécias e aventuras no meio da mata no trecho da serra por onde a rodovia deveria passar.

Luiz Pedro e Attilio

A propósito dessas coberturas, a gente fica sabendo que Luiz Pedro, durantes vários anos, ainda foi correspondente do *O Estado de S. Paulo* e da *Folha de S. Paulo*.

Nessa entrevista, ele ainda fala com saudades dos colegas do seminário e dos padres professores, fazendo, inclusive, uma referência aos nossos encontros de agosto no Ibaté.

A gente fica sabendo também que sua esposa se chama Odila e que a conheceu nas reuniões da Juventude Operária Católica (JOC). Seus filhos Denise, Deise e Luiz Paulo. Seus netos, Sofia e Ana Luíza.

Apesar de todos esses atributos, lamentavelmente na entrevista ele confessou ser corintiano. Ninguém é perfeito...

Luiz Pedro, parabéns pela entrevista, da parte de toda a família do Ibaté.

*Attilio Brunacci (49/55) – Educador e Consultor Ambiental. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: "Grazie Tante", autobiografia, "São Paulo na Frente do Trabalho" e "Cetesb: 25 anos". atiliobrunacci@gmail.com

Côn.Antonio Aparecido Pereira*

CELEBREMOS A PÁSCOA COMO PEREGRINOS DA ESPERANÇA!

A Páscoa, a mais importante das celebrações cristãs, tem suas origens muito distantes no tempo e foi crescendo em significados, até chegar ao que entendemos hoje.

Os povos mais primitivos celebravam a passagem do inverno para a primavera como a vitória da vida.

Mais à frente, a Páscoa ganhou um significado mais profundo e religioso, com a celebração da passagem de Israel do cativeiro no Egito, para a liberdade.

Como Deus ordenou, as famílias celebravam a Páscoa comendo um cordeirinho com ervas amargas. E ainda hoje, o povo Judeu celebra esta Páscoa com um ritual muito bonito.

Mas o significado mais profundo da Páscoa é a passagem de Jesus, da morte para a vida. Celebrar a Páscoa de Jesus é celebrar, também, a nossa Páscoa, porque Jesus nos garantiu: "Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crer em mim terá a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia".

Nossa Páscoa, nossa passagem da morte para a vida, está garantida por Jesus.

Podemos, também, ao longo de nossa vida realizar muitas Páscoas, do ruim para o bom, do bom para o melhor, da tristeza para a alegria, do egoísmo para a partilha...e vai por aí afora.

Neste ano, a Páscoa se ilumina mais ainda como a celebração dos 2025 anos do mistério da encarnação.

O Papa Francisco escolheu como tema a **ESPERANÇA.**

Cristo ressuscitou e acendeu para a humanidade a chave da esperança. Cremos em Jesus Cristo ressuscitado, vencedor da morte, que garantiu estar conosco até o final dos tempos. Cremos que as forças da morte, que dominam o mundo, serão vencidas.

Enfim, com Cristo caminhamos neste mundo como peregrinos da esperança.

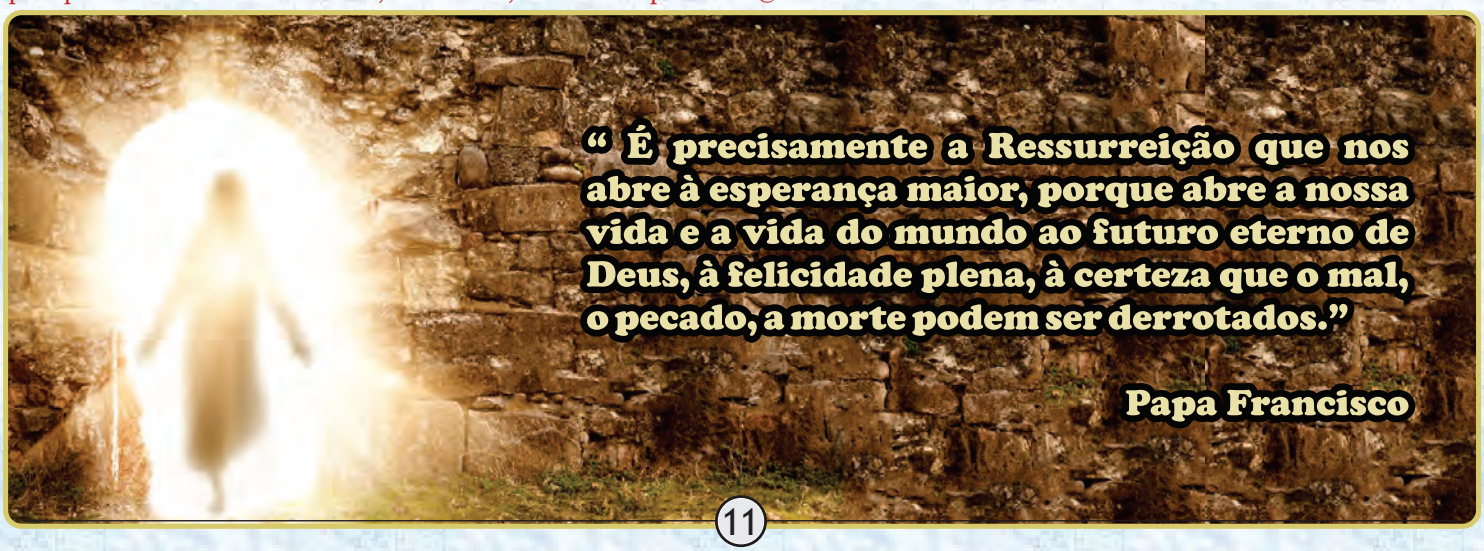
Amigos do Ibaté. Quantas Páscoas celebramos juntos no Seminário? Que nossas lembranças daquelas Páscoas nos ajudem a viver intensamente a Páscoa deste ano jubilar, com nossas comunidades paróquias e com as nossas famílias.

Termino com a palavra do grande São Paulo Apóstolo: "***Se Cristo não tivesse ressuscitado, seríamos as pessoas mais infelizes do mundo***".

Mas ele ressuscitou! Aleluia!".

Três vezes salve a Esperança.

*ANTÔNIO APARECIDO PEREIRA, CÔN.-Padre Cido, 81 (59/64). Sacerdote (ordenação em 18.12.71) e Jornalista, diretor de "*O São Paulo*", semanário da Arquidiocese de S.Paulo e da Rádio Nove de Julho (AM 1600kHz). Autor do livro 100 Dúvidas de Fé. Pároco na paróquia Nossa Senhora das Dores, Vila Baruel, S.Paulo-SP. padrecido@uol.com.br



Frei Betto*

PÁSCOA, O LADO AVESSO DA PELE

Uma das características da pós-modernidade é a redução da cultura a mero entretenimento e a exacerbação dos sentidos em detrimento da razão e do espírito. Para estimular o consumismo, utilizam-se como isca recursos capazes de nos fazer sentir mais e pensar menos. Isso vale para a publicidade, certos programas televisivos e até rituais religiosos.

Dissemina-se uma cultura centrada no epidérmico, na qual há mais estética que ética, nádegas que cabeças, urros que melodias, ambições que princípios, devaneios que utopias. Tudo é aqui e agora, a ser devorado por olhos e ouvidos, o corpo entregue a um frenesi de sensações que fazem do prazer e do sexo simulacros da felicidade e do amor.

Seres relacionais e racionais, como acentuam os filósofos desde Sócrates, somos agora reduzidos a seres "extrofiados", revirados para fora, estranhos a nós próprios, como lamentava Kierkegaard, pois nossa auto-estima passa a depender do que vem de fora -da gula e da antropofagia visual aos arremedos de fama, fortuna e poder.

Páscoa significa travessia, passagem. Talvez uma das mais difíceis é a que nos faz percorrer o caminho entre a epiderme e a vida interior, não para dualizar polaridades, mas para resgatar a unidade. O budismo tibetano tem razão ao afirmar que, malgrado todo avanço científico e tecnológico, cada pessoa é ontologicamente a mesma desde que o símio tomou consciência de que o galho de árvore em sua mão poderia servir-lhe de arma de ataque e de defesa.

Aristóteles sintetizou-nos em esferas sensitiva, racional e espiritual, como unidade que exige equilíbrio. A exacerbação de uma resulta na atrofia das outras. Só a predominância do espiritual é capaz de imprimir sensatez "às loucas da casa", como frisou Teresa de Ávila, evitando o sabor de náusea dos sentidos, descrito por Sartre, bem como o racionalismo que, ao contrário de Tomás de Aquino, julga equivocadamente que a razão é a suprema expressão da inteligência.

Fazer Páscoa em si mesmo é cultivar a subjetividade. "Beber do próprio poço", sugerem os místicos. Desnudar-se de ilusões egocêntricas, jejuar os sentidos, adequar a razão a seus limites, orar e meditar para poder contemplar. Somos seres vocacionados à transcendência. Como dizia Hélio Pellegrino, uma samambaia desfruta de sua plenitude vegetal. Nós, não; escravos do desejo, temos buracos no corpo e na alma. É a "gula de Deus", da qual falava Rimbaud.

Ao deixar de trilhar as veredas que conduzem ao absoluto, corremos o risco de nos perder no acidentado terreno que cotidianiza o absurdo: iras e mágoas, inveja e competição, medo e, sobretudo, uma incômoda sensação de não saber exatamente o que fazer desse breve período de existência.

A Páscoa é precedida de morte que, emblematicamente, a tradição cristã qualifica de paixão, um ato de amor, de entrega, que faz refluir tudo aquilo que dispersa, aliena e ilude. Jesus no túmulo simboliza o silêncio, a volta ao mais íntimo de si mesmo, abraçando a solidão sem se sentir solitário. Ressuscitar, renascer na ousadia de assumir valores altruístas e empenhar-se para que a justiça seja o fundamento da paz.

Tudo que existe pré-existe, subsiste e coexiste. É universo, e não pluriverso. Comunhão e luz. Não é em vão que os orientais chamam o centro energético do nosso ser, lá onde se situa o coração, de plexo solar. O silêncio das galáxias no infinito é um convite para que se saiba fechar os olhos para ver melhor. E descobrir, no âmago de si, a presença amorosa de Deus, que impregna o lado avesso da pele e anseia fluir por todo o corpo, palavras e atos, de modo a fazer de nós seres vitalmente pascais, cuja existência coincida com a sua essência.

*__FREI BETTO (Carlos Alberto Libânio Christo), 80__, mineiro, frade dominicano, teólogo, jornalista graduado e escritor brasileiro. Autor de, entre outras obras, "Treze Contos Diabólicos e um Angélico".

NÃO DEIXE O NOSSO ECHUS DO IBATÉ MORRER !

É de conhecimento público que o *Echus* vive de doações e trabalho voluntário. Ele existe, simplesmente porque seus leitores o adoram não perdem dele uma só leitura... queixam-se quando ele se atrasa e gostariam muito de que ele fosse editado não de dois em dois meses, mas mensalmente, pelo menos. Além disso, esse jornal é o fator de unidade da gloriosa *Turma do Ibaté*, pois ele promove e alimenta boas expectativas de convívio e amizade e é carregado de muitos significados para o coração e para a vida de todos os seus membros.

Vive tu, *Echus do Ibaté*, para o consolo dos homens!

Eis os dados bancários: Banco Bradesco (237), Ag.0198, Conta Corrente 230220-9. Em nome de Wilson Mosca, CPF 071.290.928-15. Chave Pix: echusdoibate@gmail.com

Na Casa do Pai

Que esses nossos colegas e entes queridos, hoje no resplendor dos santos, recebam de nós preces e não prantos, pois contamos com sua intercessão, para um dia, em sua companhia, bendizermos a Deus pela ventura, sobretudo, da abençoada adolescência e juventude que juntos desfrutamos.

NELSON TADEU DA SILVEIRA - É com pesar que comunicamos o falecimento do Ibateano NELSON TADEU DA SILVEIRA (63), no dia 07.03, último. Nelson estava com 73 anos, era músico e morava em Itu-SP. As nossas condolências. *Requiescat in pace*.

JOSÉ ROSÁRIO LOSSO NETO - Faleceu no dia 09.01.2025 o ibateano José Rosário Losso Netto (56), aos 88 anos de idade. Ele estudou filosofia em Roma, vindo a ser nomeado sacerdote em Piracicaba, onde foi pároco na Paróquia Santa Terezinha, de 10.09.1971 até 18.02.1973, sendo substituído pelo também ibateano Padre Otto Dana (54/58). Em 1974 deixou o sacerdócio para assumir a função de Diretor do Jornal de Piracicaba, cuja propriedade era da família. Era, também, membro honorário do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba). Era casado com Anna Maria Losso e deixa as filhas Elisabeth, Maria, Susana e Monica. As nossas condolências aos familiares e amigos.

LUIZ PEDRO DE ARAUJO - Aos 13 anos de idade iniciou sua vida de seminário em Pirapora. Em 1949, transferiu-se para São Roque, permanecendo no Ibaté até 1955. Posteriormente frequentou o Seminário Central do Ipiranga, cursando Filosofia, onde ficou até 1958. Gostava de fotografia e junto com o, também, ibateano, José Lui, montou um laboratório fotográfico no Seminário do Ipiranga. Trabalhou como fotógrafo em diversas empresas, terminando sua carreira fotográfica na Prefeitura de Mogi das Cruzes, onde trabalhou por mais de 25 anos. Casado com Odila, teve 3 filhos: Denise, Deise e Luiz Paulo e 2 netas: Sofia e Ana Luiza. Era carinhosamente conhecido como **VÓ.** Faleceu em 13.01.2025. Saudades!!! E que Deus o tenha na sua glória.

GUIOMAR ENZ LUI - Fiel esposa do Ibateano **Roberto Lui** (58/59) por mais de 50 anos. Mãe extremada de 4 filhos, Marcelo, Renato, Vanessa e José Roberto e avó carinhosa de 11 netos. Foi para a casa do Pai no dia 24.01.2025 deixando muitas saudades a seus parentes e muitos amigos que tinha, pela sua alegria e dedicação. Ela não está mais junto de nós, mas fica muito forte sua memória em nossos corações com a garantia de nossa fé que sua alma será conduzida ao Pai, encontrando assim sua merecida recompensa. "REQUIESCAT IN PACE"

DJALMAS JUDICA - estudou no Seminário de São Roque nos anos de 1958 e 1959. Nasceu em Descalvado-SP em 02.02.1944, mas, sua vida profissional de Advogado e Despachante ocorreu em São Paulo por décadas. Após a aposentadoria voltou para Descalvado, onde em 28.02.2025, aos 81 anos, veio a falecer em função de um infarto. Deixa a esposa Doraci, os filhos Lucio, Luciano, Leandro e Vinicius, as noras Lidiane e Milene e os netos Heloísa e Gabriel. Concedei, Senhor, ao Djalmas o repouso eterno e brilhe para ele a Vossa Luz. Descanse em paz. Amém.

BELMIRO BOLOGNESI - nascido em 28.05.1941, iniciou sua história no Seminário de Aparecida em 1953. Em 1955 transferiu-se para São Roque, onde permaneceu até 1958. Formou-se advogado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco no dia 01.01.1970, turma 135. Registrado na OABSP sob nº 19937. Constituiu uma bela família com sua esposa Maria Cristina, já falecida: três filhos, Gian Carlo, Carlos Alberto e Cristiane Vieira. A nora: Lucimara Ferreira. O genro: Ricardo Akira e os netos: Aline, Juan Carlo, Cauê, Luana, Mayara e Alice Ribeiro. Há anos sofria com Alzheimer, realizava hemodiálise alguns dias por semana e veio a falecer no dia 02.03.2025, aos 83 anos de idade. As condolências de todos os amigos do Ibaté e que Deus o tenha na sua glória.

PARÓQUIA DAS TROVAS

Será do povo a sentença
pra livrar nossa Nação
tirando-a da indiferença
vencendo a corrupção.

Na ânsia de ser modelo
emagreceu sem critério
e tornou-se, sem apelo,
Manequim de cemitério!

Alfredo Barbieri - 49/53

Que a noite esconda o seu manto
e deixe o galo cantar;
o dia tem mais encanto
do que a treva sem luar.

O namoro do passado
era mesmo desigual,
na varanda comportado,
desastrado no quintal.

Joel Hirenaldo Barbieri, 51/58

Com a idade enxergo pouco
E caminho devagar...
Na surdez de não escutar,
Faço a rir ouvido mouco!

É feliz quem planta flores,
enfeitando a natureza,
borda o seu entorno em cores,
de perfumes, de beleza.

Antonio Jurandyr Amadi, 51/57

Depois que tu foste embora,
no meu peito, o desencanto
não desabafa nem chora,
não tem voz e não tem pranto...

Izo Goldman
Coadjutor convidado

Amarga insatisfação
que só desejo nos dá
de ter o que não se tem,
de estar onde não se está...

Luiz Otávio
Coadjutor convidado

Teu sorriso é um jardineiro,
meu coração é um jardim.
Saudade! Imenso canteiro
que eu trago dentro de mim.

Mário de Andrade
Coadjutor convidado

Fraternidade é sentir
Uma comunhão tão alta
que nos leva a dividir
Até mesmo o que nos falta...

Renata Paccola
Coadjutora convidada

Envie-nos também a sua trova!

Para-choque do Caminhão do Ibaté

A VIDA É UM BARATO, O POVO É QUE ACHA CARO!

Photantiqua

Desafio entre Seminário de São Roque e Seminário de Pirapora.

Campo de Pirapora.

Da esquerda para a direita, em pé: Nelcindo Mosca, ?, ?, Emil Von Pinho, Belmiro Bolognesi e Antonio Millan.

Da esquerda para a direita, agachados: Job Jesus Batista, Luiz Antonio Hardt, Tiago Alexandrino, Wilson Mosca e João Francisco Toledo.

Esquadrão dos menores e médios
1957

Photodierna

77 anos do VÓ
23/05/2012

Foto tirada na casa do Vó, em Mogi das Cruzes.

Em Pé: Luzia (esposa do Attilio), Anibal Poty de Souza (*in memoriam*), Wilson Mosca, Marilda (esposa do Wilson) e Luiz Pedro Araujo-Vó.
Sentados: Attilio Brunacci e Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho

Antonio Carlos Marques*

OS DIAS NO IBATÉ

Escrever para vocês ou falar com vocês me faz sempre experimentar momentos de uma agradável seriedade. Porque a lembrança de nosso seminário carrega um conteúdo reconhecido até hoje por importantes aprendizados, por exercícios de convivência humana, respeito ao próximo e descoberta do que é a fé. E não é pouca coisa. Soma-se a tudo isso um intenso programa de estudos que nos alavancou a níveis de ótima qualidade. Basta observar os que se dedicaram ao múnus sacerdotal e os que se espalharam pela vida leiga.

A junção desses dois aspectos, espiritual e cultural, me levou, no passado, a perguntar o que eu seria se não tivesse vivido essa vida de seminário. Naturalmente, a pergunta é bem relativa, e a resposta, mais ainda. No entanto, o que vivi ficou incrustado e não me largou mais de jeito nenhum. Pudera! Só me fez bem. Mesmo considerando os prós e os contras, o que pesou mais na minha balança foi o lado positivo.

A marca de nossa formação foi mais profunda do que imaginávamos. Em consequência, muitos de nós, principalmente no campo profissional, vez por outra chegaram a ouvir: "Por acaso, você estudou pra padre?". Claro que, diante da resposta positiva, vinha a conclusão: "Ah! eu bem que desconfiava. Você tem um quê especial". Era um carimbo na testa? O fato é que quem ficava mesmo cismado era eu pela sensação de ser diferente. E não foi fácil assimilar os costumes fora de um ambiente deveras piedoso e sonhador.

Mas sabem de uma coisa? No fundo, eu devia mostrar um comportamento realmente diferenciado, resultado, talvez, de ter sido bem burilado pelos tempos de meditação, de oração, orientação espiritual e exames de consciência. Esse era o meu entendimento, mas também sentia o fruto de uma convivência sadia durante meu processo de desenvolvimento. Depois de um tempo, cheguei à conclusão de que o ambiente no Ibaté representava um microcosmo, ou seja, um mundo em miniatura. Fiz comparação até com uma outra Arca de Noé, onde se reuniam todas as características do ser humano: o amigo e o menos amigo; o simpático e o antipático; o engraçado e o sisudo; o esportista e o "punga"; o pacífico e o briguento; o cuidadoso e o negligente; e assim por diante. Quando fora do seminário, porém, a tal Arca se apresentou imensamente maior, e com as mesmas características, pois continuava formada por seres humanos, embora com roupagens variadas. Acrescentou-se, aqui, um ponto de alta relevância: a questão material. A busca pelo dinheiro, pela sobrevivência, começou a desafiar os princípios éticos e religiosos que tanto tinham sido exaltados. Que fazer com isso? Até hoje, a busca desse equilíbrio continua delicada e infindável.

Nem se diga, ainda, da situação atual da nossa sociedade. Quanta dissidência entre amigos, familiares e diversos grupos, em razão da falta de concordância de um para com o outro. Quão difícil é encontrar um caminho de paz. A reflexão sobre todos esses aspectos me faz voltar ao ambiente em que vivi no seminário, e a conclusão é a de que o humano está sempre presente.

Os problemas e as dificuldades surgem e nunca são de fácil solução, pelo menos aparentemente. Conforme o que aprendemos, seria suficiente apenas reviver e aplicar os conceitos de caridade, consciência, amor cristão e todo aquele rosário de virtudes? Logo me vêm à lembrança, por exemplo, as ferrenhas disputas esportivas, onde imperavam as normas da boa consciência. Parecia tão natural e maravilhoso um grupo se ordenar por tão simples comportamento. Era frequente ouvir o seguinte apelo: "Olha a consciência!". Quem cometia alguma transgressão era assim cobrado. É interessante notar que o transgressor não se sentia à vontade para continuar na sua tarefa. Voltando para os tempos atuais, contudo, a consciência tenta querer sumir do mapa e apostar, com isso, no que pode acontecer.

Outro aspecto marcante ainda era o de que nosso aprendizado, associado à nossa forte convivência, tinha o benefício de modular e suavizar qualquer julgamento de um para o outro. Reconheço hoje que o distanciamento cada vez maior das pessoas na sociedade, ou seu isolamento, vai tornando a maneira de julgar mais enérgica e descompromissada.

Enfim, após estas poucas linhas, seria interessante ouvir, de imediato, o que cada um de vocês deve estar pensando. Como não é possível, apenas suponho. Meu diálogo, portanto, é comigo mesmo. Então, vou espontaneamente desembrulhando meus pontos de vista na esperança de que sirvam para uma simples reflexão.

Resta ainda uma pergunta: "O que é ser cristão?". É à minha maneira? Tenho certeza de que não. Acho que o caminho é a sadia convivência e o sincero comprometimento com o outro, o que fazemos entre nós até hoje.

* **Antonio Carlos Marques, 76 (60/65)** – Jornalista, atuou por longo período na Editora Abril. Autor do Dicionário Infantil MINHAS PALAVRAS. Atualmente reside em Jundiaí. marqac1@gmail.com

Joaquim Benedicto de Oliveira*

AMIGO PARA SEMPRE

Não posso escrever sobre o **Luiz Pedro** que nos deixou recentemente, sem falar sobre a amizade. Antes de mais nada, vencemos, nós sanroquenses do Ibaté, o medo de que amizade era solene e perenemente proibida exatamente por sua particularidade. Parecia uma afronta à vida coletiva e por isso deveria ser solenemente combatida. Diziam-nos que ela seria um convite à desagregação da comunidade em que vivíamos. Só aos poucos fomos entendendo que toda essa pregação contra a amizade particular se devia à possibilidade de encobrimento da tendência à homosexualidade. E, como pouco entendêssemos dessa problemática, tentamos sinceramente integrar/compreender essa idéia no nosso sistema educacional. Felizmente nada nos impediu de promover esse encontro de mentes e corações, à medida em que crescíamos em idade, sabedoria e vivência da doutrina cristã.

Esse resumo que faço de um aspecto de nossa formação ibateana é apenas para tentar compreender e engrandecer cada amizade que por lá nasceu, cresceu e ficou "gente".

Amigos do Luiz Pedro sempre foram o Attilio e o Joaquim Barbosa. Eram da mesma turma/classe. Quanto a mim, lembro de ter iniciado aproximação com nosso querido Vó, exatamente quando foi embora de São Roque com destino ao Central do Ipiranga, em 1955, para o curso de Filosofia.

Foi ele meu mestre percussionista, eis que tocava caixa na Banda Santa Cecília, dirigida pelo Maestro "Seu Juquinha", querido avô de nosso outro grande amigo e colega, Luiz Alberto Correa da Silva. Foi uma honra substituir o Vó no ano seguinte, 1956.

Outro amigo do Luiz Pedro era o De Gonzaga Giannini, este também meu dileto amigo de infância, de rua, de bairro, de futebol e de Paróquia.

Após a desistência do seminário, Luiz Pedro teve seu primeiro emprego como Discotecário da Rádio Nove de Julho, onde Giannini e eu fomos visitá-lo.

O aprofundamento de nossa amizade se deveu também aos Encontros da Turma do Ibaté, consolidado felizmente pelo fim das distâncias por decreto e bênção do celular. É, dessa correspondência tentei fotografar verbalmente alguns traços de sua duradoura e marcante personalidade. Foi por email que recebi esta declaração: "*Li suas palavras, e tive a gostosa sensação bem parecida com aquela que temos quando nos revemos nos biênios do Ibaté*".

Outro fato indelével aconteceu quando do passamento do De Gonzaga, quando Luiz Pedro anotou: "*amarguei sozinho a dor de tão dura perda. Desde a data do ocorrido, fico remoendo o fato de ficarmos com o vazio deixado com a morte de alguém que nos era tão próximo*". E mais: "*Onde estará o Giannini neste instante? Isto me perturba muito*".

E, para terminar este texto cheio de emotividades, refiro o que Luiz Pedro escreveu sobre a vivência familiar. Da minha parte, um dos momentos mais felizes referidos por ele. Transcrevo: "*todo domingo, logo cedo (meu filho) traz pra gente duas empadas de palmito e mais algum mimo que lhe vem à cabeça; talvez isso possa parecer muito pouco mas você não imagina a nossa alegria por vê-lo por instantes antes de saborearmos a guloseima trazida*". E conclui: a gente aguarda como "*a festa*".

Simplicidade? Humildade? Felicidade. Aproveito, então, a oportunidade para elogiar e agradecer a sua família momentos de ternura como esse do Paulo e ainda, alegremente, pela colaboração especial da Deise, sua filha amorosa, que o levava aos nossos encontros.

Nosso jornal extende os agradecimentos aos demais membros da família.

Amigo é para sempre. Mesmo depois que o tempo nos devore.

JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA, Quinzinho, 87, (1950/56) - é doutor em literatura brasileira. Suas teses de mestrado e doutorado são: "*A hierofania no episódio do pacto de Riobaldo com o demo*" e "*O trabalhador como tema e personagem em romances brasileiros da década de 1930*". Aposentou-se pela PUC-SP como professor de Literaturas Brasileira e Portuguesa, após mais de 40 anos.
joka.oliveira@uol.com.br

CASO EDIFICANTE
Mineirinho sabido

José Lui *

Um mineirinho tendo que fazer uma viagem, por precaução, pensou em deixar guardado com o padre 500 reais.

Mas, no afã da preparação da viagem, acabou se esquecendo de deixar o dinheiro com o padre.

No retorno de sua viagem, foi ter com o padre, para que ele lhe devolvesse o seu dinheiro.

O padre, pego de surpresa, disse que ele não lhe havia deixado nenhum dinheiro.

Nesse ínterim, um senhor vendo a situação do padre, disse ao mineirinho que ele havia deixado o dinheiro com ele e não com o padre.

Ao que o mineirinho prontamente respondeu:

- Fique calmo, meu senhor, porque esses são outros quinhentos...

*JOSÉ LUI, Caipira, 88, filósofo, teólogo e pé-de-valsa, mora em S.Paulo-SP rubrolui@gmail.com

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 19.03.2025	
POSIÇÃO EM 20.12.2024	**18.985,04**
ENTRADAS	
Contribuições e doações	8.301,00
Inscrições XVI Encontro	780,00
Juros	339,40
TOTAL ENTRADAS	**9.420,40**
SAÍDAS	
Diagramação e Impressão Echus 187	840,00
Repasse Cúria Osasco-XVI Encontro	1.000,00
Pantogravura-Placa	410,00
Primeset-Cordões Crachás	1.980,00
Pigma-Crachás	625,00
Despesas Correios	98,55
Etiquetas	99,60
Envelopes	25,00
Despesas Bancárias	48,25
TOTAL SAÍDAS	**5.126,40**
SALDO ATUAL 19.03.2025	**22.279,04**

Tesoureiros:
Antonio José de Almeida - Wilson Mosca

Agradecimentos

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 21.12.2024 a 20.03.2025, dos seguintes colegas: Alfredo Barbieri, Antonio Carlos de Freitas, Antonio da Aparecida Simões Cucio, Antonio José de Almeida, Arlindo Pires Pinho, Décio Cardoso de Lira, Edson Depólito, Getulino do Espirito Santo Maciel, Horácio José de Sousa, João Bosco Amstalden, José Écio Pereira da Costa Junior, Holien Gonçalves Bezerra, José Fernandes da Silva, José Francimar Ramos, Dom José Maria Pinheiro, José Moreira de Souza, José Paulo Bruna, José Pedro de Camargo Rodrigues de Souza, José Ricardo Falcão, Luiz Alberto Correa da Silva, Luiz de Almeida Lopes Filho-Macuco, Roberto Lui, Roberto Delgado de Carvalho, Rocco Antonio Evangelista, Rovirso Aparecido Boldo, Viriato Antão Gonçalves Trancoso, Vladimir Merlo Garcia, Wilson Cândido Cruz e Wilson Mosca.

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é uma publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP-Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Côn. Antonio Aparecido Pereira-Pe.Cido,Antonio Carlos Marques, Antonio da Aparecida Simões Cucio, Antonio Jurandyr Amadi, AttilioBrunacci, Pe.Geraldo da Silva Bernardes, Gislene Carvalho, Joaquim Benedicto de Oliveira,Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Moreira de Souza, Letterio Santoro, Luiz Norberto Loureiro, Paulo Francisco da Costa Aguiar Toschi e Pe.Tomas Gomide.

Contribuições: O informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros do seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Wilson Mosca, CPF 071.290.928-15, por meio da conta bancária no Bradesco (237), Ag. 0198 C/C 230220-9 ou PIX: echusdoibate@gmail.com. Tão logo seja realizado algum depósito, envio-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Antônio Carlos Correa, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.
Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto 34 - CEP 01258-010 - São Paulo - SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:
e-mail: echusdoibate@gmail.com
Página do Facebook: Ibateanos S Roque
Echus do Ibaté nas Nuvens: http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate/

Diagramação:
Juliana Messias - julimessias@gmail.com